

Vidamorte – Amy Winehouse ou a vida no limite

Raymundo de Lima*

Muitas pessoas sadias só conseguem fazer da consciência ato de vida depois que se depararam com a morte. A conduta da cantora Amy Winehouse vinha anunciando sua morte precoce, mas foi uma quase-surpresa para seus fãs e aqueles que fazem caminhadas pela liberação das drogas.

A dependência compulsiva de drogas é um grave problema de saúde psicológica e social. Como também é o alcoolismo. Principalmente o toxicômano ou drogadicto (*'adicto'* vem do latim, quer dizer escravo, dependente, alguém que perdeu sua condição de sujeito de escolha), vive uma tragédia anunciada todos os dias. A família do drogadicto pode chegar ao desespero se é obrigado a conviver com a barreira que o próprio impõe, tais como: maioria legal, poder, prestígio social, dinheiro, etc.

Há pouca diferença entre a conduta do drogadicto e o alcoolista; mas é fato que o alcoolista é aceito socialmente. E como há milhares de motoristas alcoolizados dirigindo

pelas ruas e estradas, sobretudo nos finais de semana e depois das 23 horas, o potencial de acidentes com vítimas fatais é muito elevado.

Mas existem outras mortes não-anunciadas como a dependência ao cigarro, excesso de sal na comida,

vício de açúcar ou comida gordurosa, dependente de comida industrializada, etc. Estes vícios também são abreviadores da vida biológica, estão associados

aos transtornos mentais e geram dependências patológicas. Mas acontece que a sociedade hedonista-permissiva valoriza a 'vida prazerosa', o 'viver perigosamente' ou 'viver no limite', porque só assim a vida faz sentido para tais pessoas e sustenta o mais-gozar da sociedade.

Amy Winehouse vivia muito perigosamente. Não pelo prazer de cantar, obter prestígio ou virar milionária muito jovem, mas sim, pelo estilo de gozar a vida próxima da morte. Uma 'vidamorte'. Os flashes de prazer advindos da fama adquirida pela sua voz e os aplausos não foram suficientes para



ela. Esse ganho 'sadio' não é suficiente para todos os que morreram precocemente vítimas de um estilo de vida desregrado e alucinado. O estilo *mais-gozar* da cantora lhe proporcionava um arremedo do prazer, que não conseguia driblar a melancolia e a falta de sentido de sua existência. Amy e seu grupo de risco sobrevivem enquanto podem, porque são movidos pela ânsia de ir além do princípio do prazer só proporcionado pelo estilo 'vidamorte'.

Mas, atenção: na sociedade hedonista-permissiva não só os drogadictos, alcoolistas, fumantes, vivem perigosamente, no limite, ou na ânsia de ir para além do princípio do prazer e desafiar a morte com sua promessa de gozo eterno. Será que uma pessoa com pressão alta (hipertensão) constante e imprevidente, também não vive no limite? Os homens e mulheres com histórico familiar cancerígeno, por exemplo, por quê resistem fazer exames preventivos? E os diabéticos sempre entrando em estado de coma, e os obesos sempre aumentando o peso, e os deprimidos sempre vendo a vida feia, e os *workholics* cujo trabalho é o único sentido existencial? E os viciados em esportes radicais, sempre causando danos no seu corpo ou testando a própria morte?



A questão é: por que essas pessoas não conseguem transformar consciência do risco de morte em ato preventivo? Por que elas optam viver em constante risco?

Desde os gregos antigos, desenvolver hábitos saudáveis era condição básica para fundar uma ética (*êthos*) e uma vida feliz (*eudaimonia*). Porém, mudou o sentido da ética. O superego pós-moderno impõe uma nova lei: gozar a vida a qualquer preço. Devemos comprar muito, comer muito, beber

muito, ver muito, devemos viajar pelo menos nas férias, etc. Todos somos reféns do vale-tudo pós-moderno, mais para parecer feliz do que ser feliz.

Os famosos dão visibilidade ao efeito do superego pós-moderno. Muitos deles morrem precocemente porque não se importam com o alto risco para gozar a vida. Janis

Joplin, Michel Jackson, Cazuza, Renato Russo, viveram intensamente? O "exagerado" Cazuza era feliz? Mas, quem é verdadeiramente feliz? Viver exagerado ou viver moderado, garante uma certa aproximação com a felicidade? Em Londres havia bolsa de apostas sobre quanto tempo viveria Amy Winehouse, porque ela demonstrava seu não-desejo de superar os vícios. Seria este modo de ser uma jogada de

marketing ou era um exagero daquela vida no limite da morte? Não, não e não, diz ela na música.

Não existe dependência-feliz, como algumas celebridades tentam passar tal imagem para os incautos, sobretudo os jovens. Todo tipo de dependência tira a condição de sujeito de escolha. Por isso, a internação compulsória é imprescindível para sua reabilitação de dependentes químicos resistentes a reabilitação. No Brasil, a lei 10.216/2001, art. 6, inciso II,

prevê este tipo de procedimento. Por outro lado, é preciso vigiar aqueles políticos cujos atos ou projetos favoreçam a disseminação do alcoolismo, sob o cômodo argumento do respeito ao direito de ir e vir, ou do direito irrestrito a este tipo de comércio.

Ouso afirmar que na maioria das cidades brasileiras o álcool mata mais no trânsito do que as drogas. Precisamos fazer da consciência um ato político decisivo em prol da vida, digna para ser vivida.



* **RAYMUNDO DE LIMA** é professor do Departamento de Fundamentos da Educação na Universidade Estadual de Maringá (DTP/UEM) e Doutor em Educação (USP).